

Ano II - N.º 89

16 de Abril
de 1932

reportagem

Semânario das grandes reportagens



Auto Estefania Stand

Venda e troca de Automoveis usados

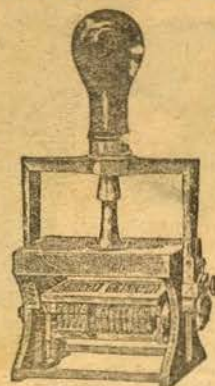
Telefone. 3134

Rua Alexandre Braga, 27

ESTEFANIA

A. S. MUSGUEIRA GRAVADOR

Carimbos
—
Numeradores
—
Datadores
—
Sinetes
(lacre e roupa)
—
Letreiros de
Chapas de ferro
esmaltado



Sêlos em branco
para repartições
de estado, juntas
etc.
—
Tintas
—
Almofadas
—
Caixas de tipo
de
borracha

70, R. Augusta, 70 LISBOA

TEATRO APOLO

As 9-30—Espectaculo inteiro
A comedia de constante gargalhada
Genero Livre

Quarto Azul

Obra realização da «Companhia de
Teatro Alegre»

ante desempenho de Auzenda Oliveira,
Cristina Oliveira, Antonio de Souza, Abi-
Alves, Jorge Gentil e Antonio Palma.
sica mise-en-scene de Antonio Gomes

Espectaculo mais alegre de Lisboa é no

Teatro Apolo

IMPROPRIO PARA MENORES

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51 - LISBOA

PREÇOS ORRENTES

Pelo carrão mais \$80 para registo
SEMPRE SORTES GRANDES!!!

TEATRO VARIEDADES

Dois Sessões As 8,12 e 10,12

A revista formidavel de interesse e de
crescente novidade

PIM! PAM! PUM!

com o «Harold Trépa-Trépa» por Luiza
Satanela e o celebre «COCHICHO»
por Maria das Neves

Grande exito do quadro novo

HAJA UNIÃO.

por Filomena Lima, Josefina Silva, Antonio
Silva, Armando Machado e J. Santos

TODAS AS NOITES

Teatro Variedades

Reporter X

continua escrevendo os seus
artigos com canetas

A G L E

PAGEOL

Conselho dum velho galo
a seu filho

Toma
Pagol

Cystites
Urétrites
Prostatites

ENERGICO ANTISEPTICO

Mannheimer V. G.

SEGUROS DE AUTOMÓVEIS

TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela. 11-2.º

Grande Hotel da Batalha

Sociedade Exploradora do Grande Hotel da Batalha

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

TELEFONE, 1247

Praça da Batalha - PORTO

Um dos mais bem situados do Porto

Perto dos Correios e Telegrafos - Electricos para todos os pontos da cidade

Completamente modernizado.—Primoroso serviço de mesa.—Esplendida sala de jantar.—Banhos.—Água em todos os quartos.—Espaçosa sala para grandes banquetes.—Almoços e jantares.—Preços modicos para familias e pensionistas.—Telefone para toda a rede do Paiz.

Administrador: MANUEL CASTELO BRANCO

Homens & Factos do Dia

A mais dolorosa das fatalidades...

«...» **L**EMBRA-TE sempre do pai-deiro de Milão. Dizem os disticos que a Justiça Italiana afixou em todos os seus tribunais—em local bem visível aos juizes e aos jurados.

Conta-se que uma manhã, em meados do século passado, uma ronda de gendarmes foi alertada pelo berreiro de dezenas de vozes que pediam socorro. Os gendarmes acudiram e deparou-se lhes o cadaver ensanguentado de um velho taberneiro que gozava fama de rico naquêlo bairro excêntrico; e junto ao cadaver, ajoelhado, as mãos enluvadas de vermelho pelo sangue do morto—um moço, um operário—um operário que a multidão acusava, em grita, como sendo o assassino. De facto—a sua culpabilidade era eloquente. Geovani Locatelli—o pai-deiro de Milão—amava a filha do taberneiro e a sua pobreza encontrara uma muralha invisível nos cofres bem recheados do pai da moça. E como esta quizesse evadir-se do seu cárcere de ouro e voar até à mansarda do golé—o velho despota levára-a para longe da cidade, sequestrando-a num convento. O rapaz, genio impulsivo, polvoroso nas ameaças e teatral nas coleras, como todos os italianos, insultára o taberneiro, nas vespéras da tragedia; e escutado por toda a clientela da banhez, jurára, como qualquer tenor d'opera em f'nal de acto, lavar com o sangue do pai cruel as feridas que a sua trança abria nos peitos dos dois enamorados! Se estes antecedentes o colocavam no index policial em circunstancias do proprio crime agravavam mais ainda a sua situação. Na rua deserta—apenas elle tinha sido visto daquela hora—ele e a vítima. A sua roupa, a sua carne estavam salpicadas de sangue...; e a arma homicida caíra a seus pés...

Depois d'êste clarão de provas—não houve argumento que convencesse o tribunal da inocencia do reu por mais sincero que fosse o tom da sua defeza. E num contra-luz sinistro, pouco tempo depois, erguia-se frente ao carcere, a silhueta balouçante de um corpo suspenso pelo esparto da forca. O pai-deiro de Milão pagára com a vida a vida que tirára...

Rodaram mezes. Uma tarde o juiz que condenára Geovani Locatelli recebe uma carta anonima que o alvoracou até ao delirio. Nessa carta denunciava-se o verdadeiro assassino do taberneiro. Era um sobrinho da vítima, antigo pretendente à mão da prima sequestrada. Residia num predio frente ao local onde o cadaver tinha sido encontrado. Explorando a ganancia do tio, atraira-o, mul cêdo, a sua casa—with a promessa de um negocio quantioso—e aguardara-o no vestibulo da sua residencia. Conversara com elle—sem que ninguém os visse, aguardando a hora de Locatelli servir um freguez visinho. Depois, saindo com o taberneiro, apunhalou-o dum golpe seguro, deixou-o cair por terra—e occultando-se na porta da casa, ficou espreitando o remate dos seus planos. O pai-deiro chegára a rua segundos depois, do crime; e ao reconhecer, o cadaver, ajoelhou-se; pegára no punhal que o criminoso abandonára de proposito—com-

prometera-se irremediavelmente... A vitima tinha sido bem gizada—e correa segundo os seus calculos; e assim, vendose livre dum rival perigoso, o assassino tinha a certeza de conquistar a fortuna do parente—casando com a filha. A denuncia—sober-se depois—era duma amante escrava do assassino. Assistira duma janela ao drama e colára-se, por terror e no engodo de participar da herança. Ao vêr-se burlada—quizesa vingá-se!

E o pobre pai-deiro de Milão? Já não é possível resgatal-o da morte, arrancal-o da vala dos executados! Todo o povo de Italia se agitou numa tempestade de horror e a justiça mandou afixar, em todos os tribunais italianos oquêlo distico que é como que um «mea-culpa»—e um conselho...

Que moralidade pretendo tirar desta evocação? Nem sei... A hora a que escrevo o suplemento imprevisto ao «crime da rua de 20 de Abril» está suspenso sobre todas as almas—Sobre todas as consciências...

Ao que parece o chauffeur condenado a 25 anos de morte-moral e contra quem as provas se desflexavam, aguçadas, eloquentes, evidentes,—está inocente. Afirma-se que foi um colega do morto—um caixeiro com o elle—quem o feriu, ao carregar a pistola. Na drogaria, o patrão, os empregados—testemunharam a tragedia—e calaram-se! Varias pessoas apontaram o acusado como sendo o criminoso; acumularam-se provas sobre provas contra elle. Entretanto o patrão da vitima, os colegas, o proprio assassino—continuavam calados. Levantam-se celeumas rubras em redor do affaire; o processo sobe aos tribunais—e o assassino, os colegas, o patrão, todos os que tinham assistido à tragedia, continuavam calados para a justiça—mas cochichavam ao seu segredo aos seus amigos, como quem basofela um grande feito. Os juizes, ante os factos que lhes apresentaram—condenam severamente o reu—cortam-lhe a vida, enterram-no para sempre num tumulo... E o criminoso, os colegas, o patrão, as pessoas a quem elles revelaram a verdade, e aquelas a quem estes retrairam o que ouviram—calam-se, deixam condemnar um inocente, cometem um crime mais repugnante do que o do reu, caso elle tivesse praticado o crime nas condições supostas—só para não serem incomodados! Se a morte do droguita significou vinte e cinco anos de penitencia e de degra para criminoso—que pena mereciam estes canalhas?

Mas... será possível? Será possível que o egoismo humano tenha atingido tais proporções de crueldade? Será possível que essas consciências—as consciências de dez, vinte homens—os deixasse dormir, os deixasse viver durante todo este tempo, sabendo que havia um inocente a agonisar na lenta inquisição de um castigo que não merecia e do qual elles o podiam salvar e não o faziam porque não lhes apetecia?

E tão inverosimil, tão fantásticamente perverso, que me perdõe o condemnado, se está de facto inocente—que me custa a erer na existencia de tais monstros... Mas se elles existem, contra elles é que a justiça não pôde hesitar porque não pôde temer um novo erro judiciario...

Conhecem La Maison des Juges, o famoso drama de Gaston Lerroux? São três gerações de juizes que se abrigam sob o mesmo teto. Um avô, quadi centenario, uma gloria da justiça, que ronda de noite pelas trancas dos corredores, falando só:

reporter

O SEMANARIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSACÃO NACIONAIS E ESTRANGEIROS—

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Loreto, 43-1.º—TEL. 25.787 e 28249
End. Telegr.: I-REPORTERX—LISBOA

Delegação no Porto:

R. Passos Manuel, 241—Tel. 4391
Composição e Impressão

Tipografia das Publicações **aoz**
Porto—Caneela Velha 39

PREÇO DE ASSINATURAS

8 mezes—série de 19 numeros—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

o neto, um neofito da magistratura—um jovem em cujo cerebro circulam já as ideias generosas da época; e o pai deste—filho daquêle, juiz também, orgulhoso da tradição da familia, celebre pela sua severidade e pela intolerancia... Um dia apresenta-se ao mais jovem—ao mais sensível dos tres juizes—o primeiro processo grave—um processo que deve ser rematado por uma condenação á morte. E, pelo menos, o que se espera, como exame moral, como prova de que ele é digno da tradição da familia... Mas—ah!—o jovem juiz sobrepõe á vaidade, á tradição, á sua consciencia! Sofre tormentos; hesita; encara a hipotesis dum erro, aflicta-o a ideia do irremediavel; debate-se entre os deveres impostos pelos outros e os que o seu coração lhe impõe! O pai, suspetta das fraquezas do herdeiro, confessa-o, indigna-se, insulta-o, obriga-o a jurar que será implacavel, que saberá dignificar o nome que usa! O calvario do pobre moço torna-se cada vez mais doloroso—á medida que se aproxima o dia... da sentença. Na vespera, á meia noite, o velho juiz, o avô, abandona o seu isolamento e vem até junto do neto confessa-lhe entre lagrimas, o que tem sido a sua velhice, os fantasmas que ballam á volta do seu sono, os remorsos que o torturam, os esgares com que as cabeças guilhotinadas o perseguiram! «Não condene! Não te importes com as criticas dos outros! Faz o que eu não fiz! Solta a tua consciencia, a paz da tua alma! Quantos inocentes não matei eu! Quantos inocentes não me amaldiçoam no inferno do degedro!»

Tal como a sociedade está organizada era impossível dispensar o dinamismo da justiça; e muitas vezes, o erro de absolver um criminoso é, para a mecanica dessa

(Conclue na pag 15)

Quando eu era criança . . .

Que carreira quiz você seguir quando era criança?

Respondem ao inquérito: Visconde de Merciana, Jorge Colaço, Cifka Duarte, Alves da Cunha, Berta de Bivar, Estevam Amarante, Afonso Lopes Vieira, Forjaz de Sampaio, Carlos Curzon, etc.

Foi esta a bisbilhoteira pergunta que disparámos á «queima roupa». E os interrogados, quasi sempre com um sorriso, com um olhar para o passado, disseram-nos as suas primeiras preferencias de profissão. Dos muitos que ouvimos apenas um se recusou a responder com o pretexto de *estar um pouco velho para essas coisas*. . . Foi o snr. dr. Julio Dantas. Vejamos, pois, as preferencias infantis d'alguns dos nossos «homens do dia»:

Visconde da Merciana

O conhecido director do Banco Nacional Ultramarino, diz-nos:



Jorge Colaço, aos nove anos, quando queria ser domador de feras.

—Todas as minhas ambições infantis se encaminham para a engenharia. Sêr engenheiro era o meu sonho. Com carrinhos de linhas, latas de pomada e mais trapalhadas, organizava estranhos aparelhos que não sei bem porquê e como punha a funcionar. Os comboios de folhavam objectos para longos estudos e recorde me de haver, certa ocasião, espatifado um pequeno gramophone só para vêr como era feito. . . Consegui sêr engenheiro, ao fim duns anos. Mas a vida, por pirraça, atirou-me para a frente dos algarismos e das divisas cambiais e fêz-me banqueiro—coisa que eu nunca previra. Mas confesso-lhe que, muitas vezes, deante desta secretaria atafalhada de papeis, de cifras e de documentos que representam fortunas consideráveis, sinto uma saudade imensa dos meus estranhos aparelhos de carrinhos de linhas e latas de pomada.

Jorge Colaço

O illustre artista é surpreendido por nós a traçar mais uns «paneaux» admiráveis sobre um assunto historico—«a tomada de Ceuta». Interrompe o trabalho, limpa as mãos, sorri e responde:

—Todas as minhas ambições de creança se resumiam em querer sêr um aventureiro celebre, caçador de leões e domador de panteras. E como nasci em Marrocos, o deserto, o nomadismo, atafiam-me irresistivelmente. Depois quis sêr aeronauta. Era mais uma manifestação do meu espirito aventureiro. Subi num balão, no antigo Jardim de Acclimação e, após algumas horas de embaraços, fui cair em palmela. Hoje, cá estou metido noutra aventura—a artistica. E desta é que eu não sei como hei-de sair. E pegando novamente nos pinceis, Jorge Colaço rematou:

—A vida é assim! Quantas vezes trabalhamos para sêr aguias quando o destino não nos deixa passar do simples papel de rãs?

Cifka Duarte

—O que queria eu sêr?—diz-nos o distinto inspector da aviação.—Sempre sonhei sêr militar, um cavaleiro levado da bréca, audacioso e destemido—um «Texas Jack» português. De principio o sonho pareceu corporisar-se. E eu já me visionava apertando entre os joelhos um corcel fogoso, saltando obstaculos, comandando cargas heroicas sobre inimigos que fugiam em desvairado tropel. Mas depois os cavalos alados—os aviões—tomaram o primeiro lugar no meu esquivo. E cá estou no meio das azas e das hélices. Todavia, de quando em quando ainda volto a prevaricar no sonho—naquele sonho em



Albino Forjaz de Sampaio, quando ainda não dizia uma só... «Palavra Cifrada» (aos três anos)

que me vislumbra cavaleiro audacioso como «Bufalo Biel» ou «Texas Jack»... E num encolher de ombros:

—Coisas que já lá vão!

Alves da Cunha

—Em garoto, ambicionava sêr médico—um grande médico a quem a morte não pudesse vencer.

Quería sêr médico como meu pai. Mas estava escrito que tinha de sêr actor, que tinha de entrar no meio das gambiarras, dos cenários e das intrigas. Cá estou no teatro e, ás véses, quando desempenho um papel de médico, sinto ainda roçar por mim a aza daquela ambição de creança—a ambição de sêr médico.

Se eu fôsse médico não estaria agora atropalhado com uma anguia sem saber o que lhe hei-de fazer!

Berta de Bivar

Ao lado de Alves da Cunha, como enfermeira desvelada e carinhosa, encontramos Berta de Bivar. Aproveitamos a oportunidade e... «que carreira queria você seguir, nos seus tempos de creança?»

A distinta actriz, soltou uma risada e respondeu:

—Quería seguir a carreira teatral! O palco atraía-me, suggestionava-me. A vida parecia querer afastar-me da realisação dos meus desejos. Mas, cá estou. Tenho hoje muitas desilusões. Todavia o amor pelo teatro ainda está bem latente e forte dentro do meu seio. Como vê, deu-se comigo um caso curioso: realiso-se o que eu ambicionava!

Estevam Amarante

O talentoso criador do «João Ratão», em cujos labios sempre se descobre o sorriso bergerote do «Ganga» e do «Zé do Bacalhau»—responde-nos:—Quiz seguir varias profissões, desde as mais conspicias até ás mais populares. A vida do mar atraiu-me bastante. Mas meteu-se-me na cabeça que havia de entrar para o teatro. E entrei e cá me encontro. Quando desempenho papeis de marinheiro ainda sinto a velha preferencia pela vida aventureira dos navegantes. Mas penso que nunca podia navegar em oceano mais tormentoso que a vida teatral e quasi me considero «homem do leme» arrostando as tempestades, domando as ondas e rindo dos vinhos da ventania...

Afonso Lopes Vieira

É pelo telefone que interrogamos o poeta primoroso do «País Lilás—Desterro Azul».

—Então que há?—pergunta-nos êle da outra extremidade do fio.

Formulamos a nossa pergunta e o poeta responde-nos:

—Olhe, o que eu ambicionava sêr era explorador das selvas africanas, viver em plena caçada aos elefantes e aos leões. E tão grande era esse ancelo que transformava a casa de meus pais em sertão, escaqueirava pratos, remexia colchões, virava cadeiras de pernas para o ar para têr a impressão dum combate e percorria, de noite, os corredores, de carabina de madeira em punho, lançando olhares cautelosos em redor, procurando... as «feras». Quasi sempre era eu o «caçador» com um puxão de orelhas, o que me fazia esquecer as «audaciosas expedições» e chorava escandalosamente. Hoje, como vê, sou «caçador de rimas»... Tinha que sêr e estava escrito!

Albino Forjaz de Sampaio

O autor da «Lisboa Tragica» e das «Vidas Sombrias», acha engraçada a nossa pergunta e afirma:

—Eu nunca fui nem alegre nem engraçado. Fui sempre um «bêbê» trombudo, teimoso e torto, danado por correr á péca os fechos da minha idade, por trepar ás arvores, saltar muros e partir a cabeça propria quando o não podia fazer ás alheias. Construir e deitar papagaios, era outra das minhas grandes diversões. E tornei-me exímio nesse exercicio, como podem atestal-o os garotos do meu tempo de Pedrogão Grande e Aldegalega do Ribatejo onde correu a minha infancia. Depois, já sabendo lêr, a minha mente povoava-se das façanhas heroicas da «Historia de França», do Henri Martin. E eu, queria sêr general. Fazia espadas, dragonas, charlateiras, medalhas de papel, com que me pavoneava até vir meu pai. Um pouco antes dele vir escondia tudo debaixo da cama—sitio que tem servido de velhacouto a muitos herois. Quería sêr general, para cometer proezas e conquistar glorias. Mas depois, quando estive na grande guerra como tenente equiparado, vi que os generais, e muitos conheci, já não morriam nem conquistavam glorias á frente dos esquadrões. Já taludote ainda amei sêr duas coisas: oficial de marinha ou operador cirurgico. Não fui nem tropa, nem marinheiro, nem cirurgião. Fui literato. E como literato aprás-me constrmir e combater. Reconheço que não é bem a vida que eu sonhava. Eu queria a gloria de combater a sério, arriscando a vida todos os dias, para que o respeito que tenho por mim fôsse gêmeo duma grande admiração. Assim, assim, é ir enchendo papel branco, até que a morte, velha trapeira, me despeje a mim e a êle no Esquecimento.

Carlos Curzon

O distinto cirurgião, enquanto preparava uns bisturis, esclarece:

—Ambicionei sêr actor. E quando eu entendia armar a minha casa em teatro, era uma hecatombe nos pratos e nas vidraças. E muitas vezes as minhas farças degeneravam em tragédias, com açoites e puxões de orelhas. Depois



Alves da Cunha, aos doze anos, já tinha attitudes de mascula energia e decisão



Afonso Lopes Vieira, aos dois anos.

quis sêr caçador de feras. E como não havia leões á minha disposição perseguia um gato que havia lá em casa, levando a minha audacia ao ponto de ir acometer o «perigoso felino» debaixo das camas.

Bastantes véses sai arranhado dessas tremendas aventuras. O destino quis que eu fôsse médico. E cá ando a representar o meu papel mechendo em ferros e nos corpos dos meus semelhantes. Mas pode crêr que, de tempos a tempos, tenho saudades dos tempos em que partia os vidros para representar as minhas comédias ou perseguir o gato para caçar um leão.

E o snr. dr. Carlos Curzon, concluiu: «Quem sabe se eu daria um bom actor ou um destemido caçador de feras? Estou cá desconfiado que tinha um certo jeito...»

FERREIRA DA COSTA

Perfiram sempre as canetas EAGLE

«GARANTIA», COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1853)

Capital Integralizado Esc. 1:000.000\$00 Reservas em 31 de Dezembro de 1927 Esc. 6:611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ler sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matematica e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA», tem a escudá-la o seu passado.

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37—PORTO (EDIFICIO PROPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14

Casa Baucauria Souza, Cruz & Cia, L da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71

(EDIFICIO PROPRIO)

Um bilhete de visita fatídico

A lei dos que vivem fóra da lei

O duelo d'apaches—Quem era o morto—A «Danceuse Endormie»—A Madragôa em festa—O «Pé Léve» e o «Caitinha»—Charlotte e o seu homem—A honra dos desonrados—Palavra de bandido—A confissão de Tomé dos Anjos—o «Anginhos»

... «daqui... «P. I. C.»... E' o «F...to» que fala... E' se dêsse uma «saltada» até cá? Desculpe-me; mas garanto-lhe que o assunto vale os dez minutos que vai... esbanjar!»

Eu chegára, na vespera, ao Porto—em viagem extra-profissional e desencascaram de tudo quanto fosse ou recordasse jornalismo—e que pudesse aze-lar ou esfriar o *pudding* das minhas microscópicas férias. Contudo não devia esquecer-me ao chamamento do agente «F...to» que tão valiosa colaboração me prestara—nos tempos em que eu estava aparafusado à reporgem do «Janeiro». Um taxi—e pouco depois apeava-me frente ao velho e escondido casarão do Aljube portuense—que parecia esfarelar-se em podridões.

«—Hontem á noite houve uma cena de tiros á entrada da Viela dos Gatos... informou-me o agente.—V. não leu ainda as gazetas? Não foi brinquedo, não—que eles não eram homens para se agatanharem ao de leve. Um, pelo menos, tinha cadastro—e que cadastro! Tomé dos Anjos—o «Anginhos»—e uns amigalhões do mesmo estilo, bebericavam uns copos numa baiúca para as bandas da Sé—quando apareceu um desconhecido que deu as «boas e santas à sociedade» num tom que impressionou toda a gente—Anginhos pôs-se lívido—dizem... O recém chegado, pelo «cartaz» devia pertencer ao mesmo «elenco» do outro—mas nem ás testemunhas nem os nossos ficheiros sabem quem ele é. Acercou-se do «Anginhos» e segredou-lhe ao ouvido fosse o que fosse... Este, numa evidente perturbação, pagou a conta, pediu aos «socios» que o esperassem e saiu da taberna, hombro com hombro com o desconhecido. Pouco depois tiroteavam pistolas, trilhavam apitos, berravam por «socorro»... Os dois cavalheiros tinham caminhado em silencio, até ao primeiro vasis de trévas lançando-se então num *corp-à-corp* raivoso, selvagem, alucinato. Basta dizer-lhe que ambos caíram por terra, ejaculando sangue... O desconhecido—poucos minutos sobreviveu; o «Anginhos» até ha pouco, ainda não recuperara a fala...»

Todos os jornais do Porto e Lisboa de 23 de Setembro de 1929 se referem ao caso numa grande avareza de linhas. O «Noticias», por exemplo, sob o titulo de «Duelo de Féras», noticia assim: «Hntem

á noite, pelas 11 horas, na Viela dos Gatos, o conhecido desordeiro e gatuno Tomé dos Anjos—o «Anginhos», de 27 nos, natural de Olivais envolveu-se em desordem com outro individuo cuja identidade a policia ignora ainda e após uma luta verdadeiramente feroz em que trocaram varios tiros á queima roupa, o desconhecido recebeu uma bala que lhe atravessou o peito, morrendo quando os «Portuenses» o conduziam ao hospital da Misericórdia. O «Anginhos» que está gravemente ferido recolheu á Sala das Observações. O agente «F...to» investiga as causas do crime.»

«—Mas... em que estou eu relaciona-lo com este drama de «bas-fonds»—indaguei; depois de escutar a narrativa do detective e de ler a gazeta que ele me apresentou.

«—E' que, ao revistarmos os bolsos do desconhecido—ilucidou-me o agente—encontramos isto.» Isto era um bilhete de visita, enodado de



O «Caitita»

dedadas e encardido por muitas exhibições. Acercou-me dos olhos—e qual não foi o meu pasmo ao deparar-se-me, em caracteres de relêvo, o meu nome, o meu pseudonimo seguido pelas *en-tetes* de varios jornais onde colaborei e pelo meu endereço em 1926. Estes dados bastaram para localizar aquele cartão, no labirinto da memoria.

«—Teem já uma foto do morto? inquiri, num brusco nervosismo.—«Acabamos de receber uma prova do Antropometrico...» Deu-ma... reconheci-o ao relancear a vista e apesar da crispção facial e do semi-cerrado macabro das palpebras. Esse homem chamava-se José de Araujo—afirmei, sem vacilar—e na Mouraria, em Lisboa, apodavam-no de «Caitinha».

O agente «F...to» encheu alegremente o torax: estava etiquetado o misterio!

O empresario Conceição e Silva explo-



O antigo Hotel Gato, no Largo do Pelourinho—onde começou o drama

rava (1925 ou 1926) o Politeama com um elenco de *vedettes* de *music-hall*. No seu cartaz berrava em todas as tintas do arco-iris, o nome da «Danceuse Endormie». Era uma burguezinha mais flamenga do que parisiense, loira, rechunchuda, duma timidez que, ao esforçar-se na ousadia, se tornava caricatural, mas culta, inteligente, e viera escudada por dezenas de boas apresentações. O Dr. José de Bragança, o mais puro talento jornalístico da minha geração—apresentou-ma. Uma noite, ela e uns camaradas cosmopolitas do Politeama, quizeram conhecer os bairros excéntricos—o «bairro» Organizou-se um *raid*, capitaneado pelo sr. Rodrigues—o director do «Ast-Pavillon.» Ciceronei-os até Alfama e Mouraria. Ao afunilarmos pelas vieiras de Madragôa—consequim'os reunir á nossa volta a elite do local, as Severas sem film nem Julio Dantas e os respectivos *zigolots* de calças afiambriadas, caracol brilhante no remite da guedelha, e botas bicoloridas. Um *virtuose* do fado armou a *sorrêz* dedilhando a guitarra, as cordas vocais e as almas... Estava presente o famoso gatuno e meu velho conhecido—o «Pé Léve». Foi o «Pé Léve» que me trouxe a José de Araujo, o «Caitinha»—um cadastrado de 25 anos, lívido tuberculoso talvez, paradoxalmente afeminado e fadista. Os olhos pestanudos e luminosos de «cotte» e basofias de tenorio, não só das Vieiras—como tambem das Avenidas... A despedida, com o pretexto de me fornecer, um dia, materia valiosa para as minhas reportagens—pediu-me um bilhete de visita. Pelo pigarro que cortou, por vezes, a solicitação, pela timidez e pelo rubor milagroso que exhibiu—advinhei que ele pretendia o meu bilhete, não para o que explicava mas sim para uma prosapia de taberna, para provar aos amigos que estava relacionado com jornalistas. Pela simpatia que me inspirara ou talvez pela tolerancia que o vinho bebido em comum me provocara—o consenti a imprudencia de lhe fazer a vontade. E eis que

(Conchie na pag. 15)

As orgias diplomáticas de Genebra

A vida noturna da S. das N.

Como se divertem os sisudofakires da política mundial.—Em pleno «vaudeville».—Longo de casa...—A entrada secreta do «cabaret» de Mont-Blanc.—A Pension Massot e os «papillons» da espionagem.—Uma espessa recitante

(Um colaborador nosso que esteve de passagem, em Genebra e que se abeirou, como curioso que é, dos bastidores da Sociedade das Nações, escreveu-nos a carta que segue a qual nos chega às mãos com inexplicável atraso.)

A PÓS o jantar, o meu amigo Z... diz-me: «Antigamente as noites de Genebra eram gêmeas às de qualquer outra cidade suíça; desde que a Sociedade das Nações se instalou aqui — tudo se modificou. É preciso ter em conta que ela atáiu perto de trezentos estrangeiros de todas as nacionalidades e das mais altas esferas sociais — diplomatas, ministros de estado, etc. — isto falando apenas no Estado Maior e sem contar com dezenas de jornalistas, de taquígrafos, de secretários, de dactilógrafos, de missões extraordinários, de exilados e consagrados políticos de varias raças que se agrupam na vizinhança da S. das N. para insistirem nas suas pretensões e que publicam jornaes quasi exclusivamente destinados aos seus membros, etc... Para os que conhecem a política mundial apenas atravez os telegramas e os artigos da imprensa fará destes homens uma ideia de gente sisudua obsecada, esfalfada pelo estudo, pela luta, pelo trabalho, discutiendo, discursando, conferenciando, levantando-se cedo, recolhendo cedo e sempre cercados de secretarios, de papeis, ditando, lendo, calculando... Ingénia visão essa... Já vais vêr...» Saímos do hotel e logo notamos que os automoveis seguiram, uns atrás dos outros, em direcção da ponte de Mont-Blanc. «Alguna reunião diplomatica que ha esta noite... — insinua». O meu cicerone teve um sorriso irónico e sem me responder, continuou caminhando com o mesmo rumo dos outros. Atravessamos a ponte... Na outra margem falcava, numa constelação de arcos volúaticos, a fachada de um grande edificio. «Aqui tens tu Widock — o mais celebre cabaret do mundo — annuncio-me Z. Vês esta gente que entra pelo portão principal entre os salamaqueos dos ch...»

de opereta.

Esta gente forma

a *clientela visível* da

casa: São os turistas jovens,

os estrangeiros que estão aqui

para se divertirem — ou então o pessoal

pequeno da S. das N., jornalistas ou ta-

quígrafos ou tesoureiros que destinaram

esta noite para esbanjar em champagne,

charleston e sorrisos de galantes *papillons*

as economias dalgumas semanas. Eis o

destino que levavam os autos que vimos

passar — e que continuam passando.»

«Perdão! — protestei: Os autos não param

aqui... Continuam o seu caminho, flan-

queando aqui a rua...» «mil vezes ingé-

nuo — exclamou Z. — Vem daí! Não com-

preendes que a *entrada principal* do

A historia da cigana-detectiva

O «Reporter X» está a caminho de mais uma vitória jornalística

Uma peregrinação de Ponte de Sôr a Cabeço do Vide — vingança dos ciganos — Um travesti — Prisão e confissão da principal testemunha do crime

Podem considerar-se virtualmente concluidas as nossas investigações policiaes tendentes a demonstrar a inocencia do cigano Calixto, condenado erroneamente pelo crime, que não cometeu, de morte na pessoa do cigno Ezequiel.

O agente Migueis, da P. I. C., tem posto neste caso toda a sua boa vontade, a cando com toda uma infatigabilidade de contratempos, desde a falta de dinheiro até á dificuldade que existe em trabalhar com ciganos. Nesta última parte, como já por mais duma vez accentuamos, aquele agente tem sido poderosamente auxiliado pela mulher do condenado, a *cigana detectiva*, a qual sem recio os prigos nem cadeiras, tem percorrido quilometros e quilometros, numa perseguição que só ella, por ser cigana, pode manter — em busca dos da sua grei que sabem a verdade — as que não foram dizer aos tribunais que condemnou o Calixto.

A Maria do Carmo, já conhecida dos nossos leitores — egua de terra em terra, sem comer, sugenta a todas as intempéries, em *travesti* de homem, — só descança quando arranja uma testemunha cujo depoimento interessa á descoberta da verdade.

Ainda agora ella esteve uns poucos de dias sem dar sinal de si tendo-se chegado a supôr que teria sido victima dalguma cilada por parte da familia do morto. De facto assim se edera.

A Maria do Carmo deixou o agente Migueis em Ponte de Sôr, para seguir a pé até Cabeço do Vide onde contava encontrar o cigano Antonio Moura o *Moultano*, seu tio e irmão do verdadeiro assassino o *Quico* testemunha presencial do crime e comparsa da descoberta que lhe deu origem.

Levou quatro dias nesta jornada, dormindo, por sem-lha junt com outros ciganos todos julgavam que ella era um homem até que foi reconhecida por uma sua prima, sobrinha do *Mouritango*, que

«cabarets»

não pôde ser a

sua *principal entrada*?

Não comprehendes! Continuamos; e

dobrar esta esquina tu verás que

autos freinam a muitos metros das

traias traizeiras do Widock — frente a

(Conclite no proximo numero)



Do facto em Monte Cristo, a duas leguas Cabeço do Vide, foi a Maria do Carmo oedida p G. N. R., que a levou como vulgar gatuna para Cabeço do Vide.

Valeu-lhe a intervenção do cigano José In que aclarou o caso, sendo então restituída á liberdade, segundo novamente a rota intron p

Chg da p rio de Assomar, encontrou o *Mouritango*, requisitando logo a sua prisão, o que G. N. R. aced-u, vista a cretencial de que a cigana munda sem to aquete conduzido pa a cadeia do Cr

A mulher do *Mouritango* é que não gostou brincadeira e atirou se à Maria do Carmo, rasgando as roupas e fernd a no rosto com as un

O *Mouritango* logo que viu a sobrinha, ter lido o *Reporter X*, p-lic que aval ou logo o que suceder-lhe, gritou-lhe que não desgraçasse, p

estava disposto a dizer toda a verdade, isto é, o verdadeiro as ass-u fora seu irmão, o *Quico*

A — p-sar disso lá re olheu á cadeia, onde o ar Migueis o foi ouvir, tendo elle f ito uma reconit

ção completa do crime, pela qual não ficam dvi a ninguém, e se prova que o Calixto está inocent

Era es a a mais importante testemunha das c restavam ouvir. Fica assim com pleto e processo e

ha de servir de base ao pedido de revisão do proce pelo qual o Calixto foi condenado e, estamos cert a justiça não se fa á esperar.

O Calixto, que se encontrava na cadeia, Mons-nte, f já transferido para a do Límico, p

iniciativa do sr. director das cadeias Civis q como já dissemos, se interessou pela sorte do p

condenado

Tambem continua aberta a subscrição que nos o gen-ro e litor, anónimo, intecio, para cust

as noças da rev-ão do pr ces-o. A guardamo

envio de mais donativos, podendo estar certas to

O MAIS INTRIGANTE MISTERIO DE 9 DE ABRIL

O portuguezês que trocou a pele ou o desmemoriado de Barcelos



Era um rapagão—ou antes devia ter sido... ossura, que não se gastava nem minguava...

A mutilação começava no pescoço onde a teia de cicatrizes arrepanhava a carne irradia...



Jorge Filipe antes de ser mutilado

As figuras dos «museus Grevin» britânicos, reproduzindo tipos inconfundivelmente britânicos.

—E' um dos casos mais intrigantes que conheço—disse-me o meu amigo Antonio Silva...

—Já lá vamos! E' que não podias dar o justo valor ao misterio que envolve esse morto-vivo...

rosos—até ao 9 de Abril. Durante três ou quatro meses os pobres pais sofreram angustias sem fim...

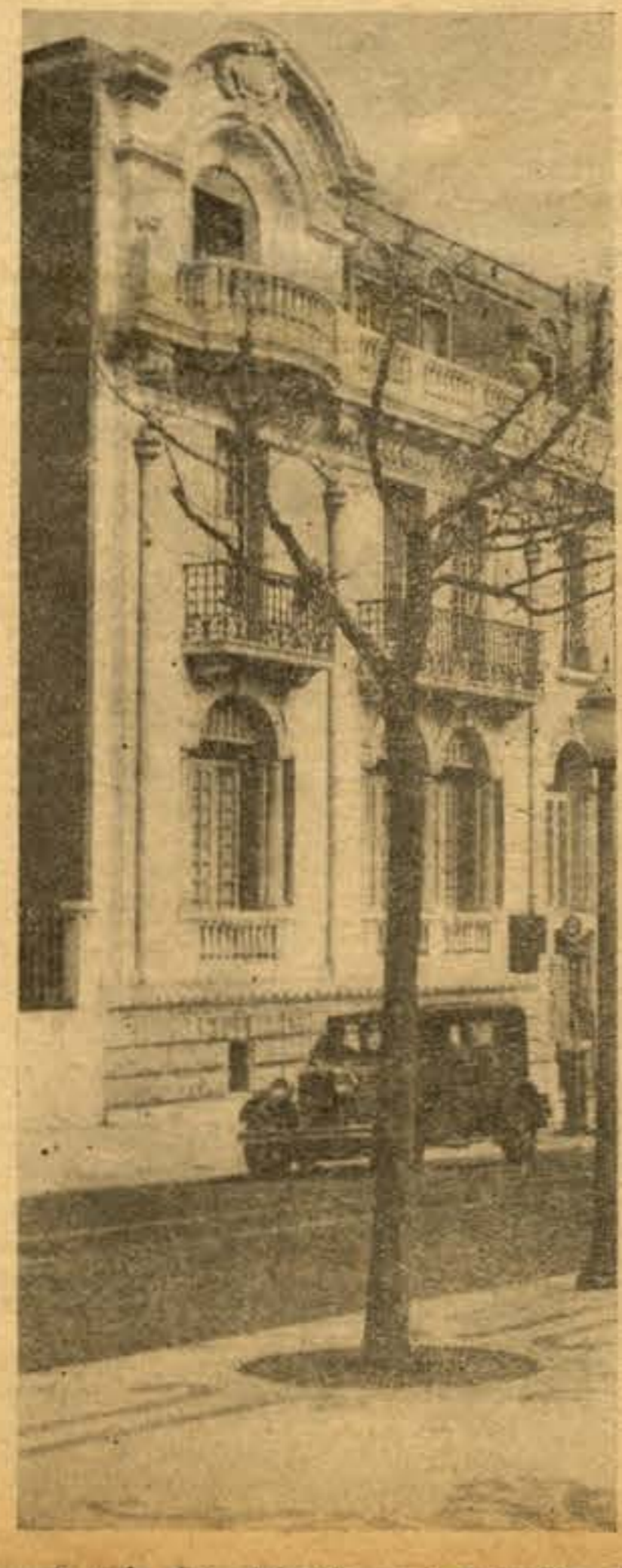
Naquela data, embora continuasse em estado grave—havia esperanças em salvá-lo. Sabia apenas que o major Pinero ia tentar uma operação inédita para o salvar...

Estavamos, o meu amigo Antonio Silva e eu, no Campo da República, em Barcelos, nessa tarde de feira—de feira semanal e das mais vistosas...

O homem do capote militar—Os Filipes do Rato—O celebre Dr. Pinero—O dramaturgo inglês que descende de portugueses—O amnésico—Os retratos—O «cara de cera» do «Atlantic»—A cirurgia maquiavelica—O Major Sir Seely—William Berrie e Jorge Filipe

der de vista o homem da «cara de cera»—proseguiu: «—Ha coisa de uns dois anos (1)—apareceu no logar do Rato—que é a uma hora de Barcelos—o desgraçado que ali vês...

(1) Este episodio data de 1928; portanto ele refere-se ao ano de 1926.



ço—as soube traduzir... Essas palavras, pronunciadas em inglês eram sempre as mesmas. «Não me lembro... A guerra... A casa do doutor... Londres... Não sei porque vim... Não me lembro...»

«Chamaram o tenente Migueis que estava então em Guimarães. Observou-o bem... «Não é Jorge Filipe não se parece ao de level affirmou... Só a noiva do desaparecido—já viuva—se quedou numa dúvida angustiosa...

Nunca mais teria desenterrado do meu arquivo de «tipos» a recordação do «Desmemoriado de Barcelos»—se não fosse o chocar-me com outro caso que se sobrepõe àquele—embora numa moldura mais intrigante ainda.

A enila da Liberdade, o inglês recordou as reações que manteve, ha anos com a empresa dizendo: «—Eu sou ainda do tempo em que estava nos escritorios de Lisboa o famoso «Cara de Cera»... E como este sobriquet alertasse o meu colega, o outro explicou: «—Você nunca ouviu falar no «Cara de Cera»? Pouco tempo permaneceu em Portugal—mas esse pouco deixou rasto—sobretudo na colonia britânica...



Major Seely, heroe da grande guerra e um dos chefes da S. Y.

ou porque a guerra o apaixonasse ou porque a vida no lar não lhe correspondesse aos sonhos de namorado—mal a guerra estalou alistou-se como voluntario, usou de influencias, frequentou escolas preparatorias—e partiu para a frente como oficial. O seu porte, se não foi de pasmar—foi correcto, quasi brilhante...



William Berrie

outro detalhe: todos os feridos que o celebre cirurgião operara e levava para Londres (o Dr. Pinero sumiu-se tambem; nunca mais foi visto) eram todos feridos da batalha do 9 de abril—ingêses, alguns canadianos e dois portuguezês.

O major Seely, que fôra então nomeado oficial da policia secreta (Scotland Yard) estuda o enigma, investiga e finalmente, por um mero acaso, num hospital d'invalidos dos arredores de Londres descobre William Berrie—mas um William Berrie por tal forma mutilado, transfigurado, arrepanhado de cicatrizes, que difficilmente podia ser reconhecido através os ligeiros vestígios que conserva da sua antiga personalidade. O rosto, sobretudo era uma verdadeira «mascara de cera».

O almoço terminára e o meu colaborador vem contar-me o que ouvira ao seu amigo inglês...

A singular coincidência de certos detalhes entre o desmemoriado de Barcelos e William Berrie deixam-me uma inquietação e uma ansiedade violentas. Sabia de mais para me contentar em saber tão pouco... Escrevi para Londres—e nm dos nossos colaboradores da policia britânica acaba de me responder.

Eis a sua informação: «O major Seely, um dos mais categorizados chefes da policia inglesa nunca abandonou o misterio do desaparecimento do «White Star» do Dr. P.nero. Sabe-se que este cirurgião antes da guerra propôz á Ordem dos Medicos a pratica de certas experiencias que lhe valeram a fama de louco perigoso—ficando em risco de

esclarecer...) reunira umas dezenas de «casos» e preparava-se para os trazer para Londres e exhibi-los na Academia e electrocutar de pasmo todo o mundo scientifico. Esses «casos» ou seja os seus operados «specimens» foram condzidos a um barco hospital «The White Star» onde o Dr. Pinero tambem viajava. Esse barco, que partira de Brést dois meses antes do armistício nunca chegou a Dover. Mais: nunca se soube o que foi feito dele; se naufragou; se foi atacado; se... Nadal Misterio completo. E ainda

CINZAS REMEXIDAS

Um atentado praticado ha cinco anos

Como o «Reporter X» conseguiu descobrir os autores da façanha cometida contra a lapide comemorativa da implantação da República, pertencente á Universidade de Coimbra

Foi na manhã de dois de abril de mil novecentos e vinte e sete, uma manhã cruzada de frio e inquietação que a Via Lactea, em Coimbra, se coagou de protestos contra o vandalismo. O acontecimento tem sobre ele um passado de cinco anos, uma eternidade americana. E, todavia, não esqueceu. Não esquecerá jamais, mesmo para as pessoas que o tomaram como gracejo, aliás de mau gosto, de um grupo de estudantes no auge da estúrdia. Foi há cinco anos e os protestos ainda estrugem, a mesma indignação se ergue clamorosa como tivesse sido ontem. Não só o que se considera um acto de vandalismo merece ainda a reprovação.

Coimbra liberal, a parte sensata e ordeira da cidade do Mondego não se conforma com o impunidade de este delicto. Não seremos nós que iremos instuir o processo e levar á caduça os arguidos. Apenas nos limitamos a evocar o acontecimento, em ligeiras notas de reportagem, longe de nós qualquer sentido de repressão onde castigo. Entendidos, pois, iremos recordar como se passaram os factos.

A Universidade de Coimbra, em 1926, ainda não tinha uma lapide comemorativa de implantação da República Portuguesa. Estranhava-se que decorridos dezasseis anos o primeiro estabelecimento de ensino superior do país não tivesse na sua frontaria, perpetuado no mármore, a evocação de um dos maiores acontecimentos históricos de Portugal. Dizia-se que o corpo docente vivia muito para além dessa banalissima formula, entregue apenas ás suas ciencias. Deveria haver exaigero, quiçá maldicencia porque entre o profesorado universitario existiam vultos eminentes da República a quem espiritualmente satisfaria essa homenagem.

Um dia a T. S. F. da malquerença emudeceu. O antenas da colonia foram derrubadas e appareceu esplendorosa a ideia de ser inaugurada uma lapide comemorativa da implantação da República. A Universidade de Coimbra iria ter no seu frontispicio essa pedra histórica.

Costa Mota Tio, mestre escultor, republicano de velhas tradições, artista consagrado, autor do busto da República, fôra encarregado de fazer a lapide. Escolheu-se o mármore de Carrara para o effeito. E os orçamentos da lapide acusaram logo a cifra de trinta contos. A verba era elevada. Mas a Universidade de Coimbra teria de comemorar condignamente o acontecimento histórico com uma obra de Arte. Mestre Costa Mota recebe a incumbencia, entrega-se afanosamente ao trabalho e nos primeiros meses do ano de mil novecentos e vinte e sete a lapide estava concluida. O mês de Maio de mesmo ano foi escolhido para a inauguração official e tudo se preparava para que o acto se revestisse de grande luzimento.

Rumores que se transformam em agressões

Não curamos de saber agora se o Acade-

miandava os sentimentos politicos de alguns alunos. Aceitamos que entre os estudantes, nesse ano como hoje, há de tudo em materia politica e filosofica, e que existem rapazes que vivem distantes de qualquer dessas escolas. Essa razão leva-nos a crer que não se tivesse organizado qualquer «complot» de agravo á Republica ou de protesto contra esta ou aquelas ideias. Em regra, os desatinos não obedecem a uma ideia preconcebida. Nasceram espontaneos, invariavelmente, produto de esturdias e de raciocinios mal equilibrados. O que vamos recordar incorpora-se precisamente nesta ordem de ideias.

A lapide aguçava, porem, os desejos brincalhões de alguns estudantes. Estava fresquinha, isenta ainda de qualquer partidinha. Os rumores não tardaram. E se nós fossemos mascarar a lapide? Interrogou um dia um dos rapazes que brincam com tudo, mesmo com as coisas mais sagradas. A vida em Coimbra, os cinco anos de estudos, não podem ser vividos em rigor de ordens monasticas. Todos os motivos são bons para fazer passar o tempo. Pena é que os futuros bachareis não tenham, ás vezes, uma noção mais ampla das responsabilidades moraes e intellectuaes que conquistaram.



A lapide que foi alvo da ira dos vândalos

Ora nesse ano de mil novecentos e vinte e sete, Coimbra tinha ainda seguro como as ventosas o estúpido culto da *praxe*: a perseguição grosseira aos caloiros estudantes do primeiro ano, as vítimas imoladas á tradição imoral da academia. O pobre estudante, exactamente quando mais necessitava do acolhimento dos seus colegas é que soffria tratos de polé, em obediencia a um preconceito arcaico, inestetico e agressivo. E a coça ao «caloiro», na Universidade, durante os intervalos das aulas, nas ruas, de noite, quasi com cruel designio, quebrava a ociosidade dos veteranos.

Da Republica dos Grilos á Universidade

Em Coimbra, nesse tempo, havia um grupo de estudantes endiabrados conhecido pela «Troupe do Antonio Quiterio», uma designação pouco literaria, de uma pleiade de rapazes folgazões, por vezes espirituosos, outras pouco simpaticos pelas brincadeiras que tinham. Contam-se desta «troupe» episodios engraçados, polvilhados de boa ironia e fresco espirito. Mas lembram-se também cenas que deixaram bastante a dese-

A «Troupe do Antonio Quiterio» reunia-se na Republica dos Grilos, que não eram positivamente os da Patagónia... Dizer que os seus componentes eram todos monarchicos seria faltar á verdade. O que é fora de duvida é que todos eles não olhavam a meios desde que pudessem fazer uma partidinha academica. Não olhavam a meios nem respeitavam conveniencias. Quando agregavam ia tudo a oito mesmo que se tratasse de uma coisa immaculada, não havia respeito.

Na noite de um de abril do ano referido, a «troupe» entendeu dar pela cidade uma batida aos caloiros. Foram os «praxistas» á Alta, voltaram, desceram á Baixa, percorreram um Ferreiro que há na cidade, e os caloiros parece que batidos por um enorme vendaval trataram de se raspar e esconder em sitio seguro. Nada que nessa noite os da «troupe» estavam dispostos a cortar-lhe o cabelo á escovinha...

Os «caloiros» não apareceram de maneira a saciar o appetite dos endiabrados rapazes. E noite alta, um das da «troupe» lembra: «Vamos borrar a lapide da Universidade». Não houve palmas de applauso, mas todos concordaram. E seguiram, republicanos e monarchicos da «troupe» para a «Republica dos Grilos», onde tinham guardada uma lata de tinta preta. Com a pressa e o descuido da idade os rapazes embrulharam a lata de tinta num jornal que tinha uma cinta do correio com o nome de Felisberto Passos. Sairam radiantes e ao passar na rua do Norte encontraram uma escada pertencente aos Serviços Municipalizados de que se apoderaram. Com o auxilio dessa escada treparam a uma divisória da Universidade e eil-os em frente da lapide que encheram de tinta e quebraram alguns bocados de mármore, cujos vestigios ainda hoje se distinguem.

No dia imediato o alarme, Coimbra republicana e liberal protestou contra a façanha. Exigia-se o castigo dos culpados. O director da Policia de Investigação, sr. dr. Bessa de Aragão, actual juiz do Tribunal Militar Territorial de Lisboa, ordenou investigações. Havia um indicio seguro que levaria á descoberta dos autores da estúpida proeza: o jornal com a cinta que tinha um nome e ficou no local do crime. Mas nada se descobriu e os autores do atentado á lapide comemorativa da implantação da Republica ficaram impunes.

Nunca foi possível descobrir os nomes dos autores do atentado? Isso é com a policia. A nós, que não fizemos investigações policiaes, não foi difficil apirar esses nomes. Temo-los em nosso poder, arquivados no nosso canheaho São nada menos de quatro. E não será impossível descobri-los, desde que se saiba, o que pode succeder com relativa facilidade, quem constituia a «Troupe do Antonio Quiterio» n's principios do ano de mil novecentos e vinte e sete. Talvez não haja interesse agora em remexer cinzas, visto que já lá vão cinco anos.

Para começar...

Uma grande obra, generosa e patriótica, sequestrada pela infamia

O sonho do Dr. Antonio Ramalho, do Porto; as quedas da guilhotina de Cabrum e o resto que se verá

Entre os lugares-comuns de grande expansão existe um, tão vulgarizado como as Pilulas Pink, a Pomada Amor, o «Bovril»; o «Estudante Alsaciano» ou o... sr. João Ameal: é aquele em que voo da ambição se oxigena na mais inverosímil utopia para estabelecer um grafico... «Eu só queria ter tantas libras como escadas tenho subido—diz o carteiro, ou então: «Se me dessem tantos contos quantos bebês eu ajudei a nascer»—exclama a parteira. E todos nós, como o carteiro, como a parteira, aproveitamos a primeira abundancia de qualquer activo, reserva, stock para multiplicarmos por ele o fantastico Monte Cristo de uma fortuna teorica—sonhando, logo a seguir como nos esbanjamentos com que a laia de lastro salvador, teriamos de aliviar ao Zeppelins de aço dessas riquezas platonicas. Eu, que nunca joguei, preferindo, caso me alucinasse, incendiar qualquer nota de vinte escudos a arriscá-la no tapete verde—só porque o bailado da labareda me emociona mais do que o da bola da roleta; eu que nem no Natal cedo ás lamurias dos cauteleiros—e que nunca aguardei a aurora boreal duma herança, duma carteira caída na valeta ou uma pirotecnica milagrosa de ouro para realisar os meus planos de ventura material—também ás vezes resvalo nesses lugares comuns—e digo para comigo: «Só queria um conto por cada artigo que escrevi até hoje. E já agora, que ninguem nos ouve, ficava rico.

Senão, vejamos: comecei a trabalhar em 1914, ha quasi dezoito anos. Tive dias de segregar doze artigos—não me recordo ter-me deitado uma só noite sem ter, pelo menos, duas crônicas. Multipliquem, acrescentem-lhe os romances, as novelas, os contos e verão a estante de que necessitaria se arquivasse todas essas cinzas do meu esforço jornalístico! Visionem que Rotchild eu não seria se em vez de apreciar um conto por artigo—pedisse um escudo por linha, dez centavos por palavra, um centavo por letra! Estava resolvido a crise financeira mundial—e ainda sobravam capitais para atender os dos outros planetas...

Insinuei já o meu desmazelo em não colecionar as coupures ou os exemplares da minha miserima obra. Mas, felizmente, a memoria remedeia um pouco o meu desleixo, organisando, com involuntario

O CALVARIO DUM DIPLOMATA

Recorda-se uma extranha profecia a propósito da partida para o degrêdo de Antonio Bandeira

Não é a primeira vez que evoco Antonio Bandeira, que exhibo a minha angustia ante o seu calvário, que recordo a sua mocidade heroica e romantica, as suas illusões tão belas, os seus triunfos tão legitimos, a sua queda tão injusta... Após seis anos de clausura—vindos sem transição, brutalmente, cruelmente, após vinte anos de vida diplomatica, de galões e de chancelarias onde o seu espirito se sobrepunha aos reverberos das riquezas que não possuia, de palacios reais onde os soberanos mais esquivos o recebiam como a um confidente—Antonio Bandeira saboreou o triste simulacro de uma vaga liberdade saindo da penitenciaría e embarcando para o degrêdo.

Má estrêla a sua!

A proposito—reproduzo um episodio extranho que só me recordou no dia da sua partida e que me foi narrado por Bello Infante, o mais vigoroso dos jornalistas panfletarios da Holanda, descendente de portugueses—um gnomo satânico, um poço de aleijões, com uma cabeça enorme, esférica, umas pernitãs curtas, de bebê e paralyticas, uns braços que são como tentáculos, sem mãos, dispondo apênas no pulso direito, uma especie de gancho que enrosca á caneta para escrever. Foi durante o almoço que os jornalistas holandeses nos ofereceram, em Haia, ao pobre Benoliel e a mim.

Bello Infante, que viera assistir, ao lado dum criado inseparavel que o coloca nas cadeiras ou o leva para o automovel como se fosse uma criança de meses—confidenciára-me a sua admiración—e a sua magoada surpresa, pelo que sucedera a Antonio Bandeira. Depois disse-me: «Quando foi a guerra o vosso ministro ofereceu uma festa em honra dos officiaes portugueses que tinham estado presos, na Alemanha e que elle conseguira libertar. Um colega meu de redação, convidado a essa festa, notou a presença de uma mulher extravagante, dessas mulheres nem novas nem velhas, mas berrantes, vistasas, barulhentas que tanto podem cair no ridiculo como impôr-se á admiración de todos... Era uma asiatica—persa, Afghanistan ou Siameza não sei bem e estava ligada a um dos diplomatas presentes.

A meio da soirêe soltou um grito, queudou-se triste, como um medium em transe. Houve quem pensasse numa crise histerica—ou numa cena de exhibicionismo. Alguem que a conhecia segredou que era uma doente sujeita, com frequencia, a êsses ataques nervosos, durante os quais a sua hiper-sensibilidade atingia tons profeticos. Levada para um gabinete—começou por pronunciar palavras



O Sr. Antonio Bandeira saindo da penitenciaría

sem nexô e acabou por dizer: «Que ho sentido o meu! Para que vim a esta Escusava de saber o que fiquei sabendo de vós cairá na mais negra das mis accusado de crimes graves, será conde conhecerá a clausura dos presidios, o cicio dos degrêdos... Só tem um caminho salvación...» Calou-se. Os poucos que nham acompanhado ao gabinete (entre estavam Antonio e o meu colega) empicaram, entreolhando-se em silencio, tent aparentar um indiferentismo desdenhosos sem o conseguirem. Por fim, ela, retomou a fala—indicou um jornal que estava so secretaria—o «Telegraph» daquela «Rasguem esse jornal, rasguem-no depre Todos hesitaram em obedecer-lhe tem o riso dos outros. O meu colega, pica curiosidade desdobrou a gazeta e passo a vista sem encontrar nada que explica condenação da vidente... Só anos dep—ha poucos menses ao estoirar este esclo elle recordou a unica gravura desse «graph» que elle fixára—e fixára porque sido apresentado horas antes á pessoa tada. Essa pessoa era Hennies—que for trevistado pelo «Telegraph» a proposito problema financeiro sul-americano, de tunidade para a Holanda onde ele acc de chegar».

R. J.

metodo, os seus dossiers. Foi graças á memoria que eu, ha dias, recordei o meu raid em 7 de junho de 1928, ás quedas da guilhotina de Cabrum—no limite de Rezende-Sinfães... Em boa hora o fiz. Em boa hora jornalística, porque para a revolta que me provocou no meu espirito, mais valia que não me houvesse lembrado...

Eu estava no Porto e sabia que Antonio Ramalho estava empenhno aproveitamento de umas quedas para delas arrancar o ouro puriss

(Conclue na pag.

Perigos do progresso

Automato Rival do Homem

**Homem de Ferro... — cria-
obedientes — mãos que
cancam, olhos que vêem
pré — A previsão de
id e Ferrère — A lenda
Fausto... — Em Portu-
gal... —**

homem de ferro... não é hoje uma
méra definição para os homens de
resistência invulgar. Existem, de fac-
cto, verdadeiras maravilhas meca-
nicas que realizam todos os trabalhos materiais
e todos os trabalhos mentais que eram até
co, do exclusivo poder humano, e que
quando favor, se pôde chamar «Homens

de ferro», os que vêem, narizes que cheiram, ouvi-
rem, cérebros que resolvem os mais
arduos problemas arithmeticos... tudo se
pôde já aplicar no mesmo corpo de ferro e
vidro por nervos de metal cuja sensibili-
dade excede por vezes em muito a
proprio construtor.

Quando e pouco a fertil imaginação humana
faz pequenos objectos mecanicos que,
em seguida, são fabricados do que lhe é
necessário, substituíram e aperfeiçoaram o seu
trabalho—dedos metálicos capazes de
manobrar as minúsculas maravilhas, braços possan-
tes e manobravam peças incomensura-
mente pequenas a maravilha invenção do
homem de ferro que é capaz de tudo...
O trabalho apenas pela vontade do seu
criador que lhe é transmitida pelas formas mais
simples «automato» dá a impressão de obedecer
à vontade propria.

Em grandes centros industriais, o «auto-
mato» está sendo utilizado com enorme vanta-
gem para a fabricação do que lhe é
necessário para o agravamento do desemprego.
Os «olhos» foto-electricos destes obre-
iros como os seus «ouvidos» magneticos,
químicos e «músculos» de aço, não
nunca, não tem horas de repouso e o
de trabalho sempre eficiente é de 24 ho-
ras—nunca protestam não estão sindicados.

Quatro mais notáveis automatons deste
são o «Boos», inglês que além doutras
coisas, é célebre por dançar ao som da mú-
sica—esta fór, com o ritmo e elegancia
quer Niguiscky; o «Robot» alemão que
ouve a mão e máquina; o «Televox» ame-
ricano realiza todo o trabalho de ménage,
recisão e cuidado de qualquer boa dona
de casa... O quarto, o mais perfeito, é notável
pelo segredo do primeiro entre to-
dos os automatons — por ser o descendente mais
directo «Adão» da futura humanidade de
que ficou na lenda conhecido pelo nome
de «Fausto».

«New Héradès», assim se chama este dia-
leto mecanico quasi humano, como qual-
quer outro está apto a cometer crimes de morte
assassinou um homem.

Quando lêmos num jornal americano de
dois anos, um engenheiro de nome John
Morrison, dedicou toda a sua vida á construcção
do automato, esgotando nesse trabalho a sua
vida e vendo-se na necessidade de recorrer a
outro a quem desvendou o seu segredo,
financiar o restante da obra. Assim lhe
foi possível construir o «New Héradès»,—todo
feito de laminas de aço o que lhe per-
mitiu todos os movimentos—articulações e
articulações. Dois motores, um no lugar do co-
racao e outro na cabeça, onde seria o cerebro
do ser...
A menor hesitação nem o mais pequeno

desiquilibrio no cometimento de qualquer acto
que lhe é comandado pelo mestre. «New Héra-
clès» obedece instantaneamente, e procede como
um medium sob influencia hypnotica.—Sob a
vontade do mestre.

Dança ao som de orquestra, sem perda dum
compasso. Levanta pesos, assalta ao florête etc.
Na arithmetica é mestre: Os seus ouvidos duma
sensibilidade espantosa registam qualquer ope-
ração que se lhe transmite e logo, em poucos
momentos,—como se uma pequena reflexão de
calculo lhe tivesse bastado—dá-nos o resultado
em numeros iluminados que surgem sobre a sua
testa.

«New Héradès» veste com elegancia e é
justamente pelo seu vestuário que recebe a von-
tade do mestre. Em cada botão de cada bolso
está disfarçada uma lente convexa que, transmi-
tirá para o motor respectivo—conforme a cor e
intensidade da luz que recebe—a acção que de-
verá incidir sobre os seus movimentos.

O publico imaginando tratar-se de méros
efeitos da luz, nunca perceberam como era coman-
dado esse automato.

O assassinato

O sucesso da aparição deste prodigio foi de
tal fórma que o seu inventor—ambicioso do



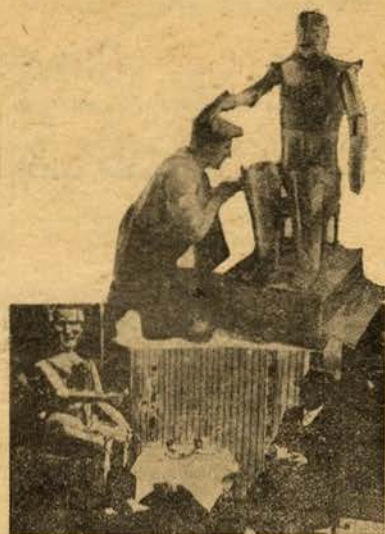
«New Héradès» o
automato assas-
sino

exclusivo da gloria—não
hesitou em preparar-se
para destruir o seu so-
cio sr. Harny Earston.
que, só muito superfí-
cialmente conhecia o
verdadeiro comando da
extranha maquina. De-
pois duma noite de
grande successo publico
em S. Francisco alguns
homens de ciencia rece-
beram explicações e exa-
minavam um dos moto-
res que Hany ia de-
monstrando, quando
bruscamente este sente-
se agarrado pela mão
esquerda do automato
enquanto a pesada mão
direita lhe vai fendendo
o cráneo com fortes e
certas pancadas—como
se «New Héradès» se
houvesse subitamente
enfurecido.

A explicação deste
facto que a todos pare-
ceu phenomeno só foi pos-
sível, muitos anos de-
pois, pela confissão es-
pontanea do mestre John
Morrison que, segundo
declarou havia feito nes-
se momento, reflectir uma
luz violacea na gravata
do automato... e ele
proprio se surpreendeu
da presteza e violencia
do ataque.

«Golem» é o nome dado ao primeiro grande
automato que, segundo reza uma lenda Tcheca
foi o inspirador do «Fausto».

Diz-se que em Praga um Rabino, que pas-
sava por ser o mais sabio do mundo em ciencias
cabalisticas, apelou para o auxilio do demonio
afim de construir um homem de metal. Assim
teria conseguido de Rabino construir o seu «Go-
lem»—o primeiro automato do mundo—que era
mais poderoso que o seu proprio mestre apesar
de lhe obedecer como o mais docil dos servos.



O «Robot» e o «Televox» em actividade

Quando o velho morreu, «Golem» seguiu-o
até ao cemiterio. Um visinho do sabio tentou
submeter o poderoso Automato á sua vontade
levando-o para casa onde appareceu assassinado
na manhã seguinte, por estrangulamento feito
por «Golem» que, desapareceu vivendo ainda
em Praga segundo reza a lenda, onde quando
apparece aos desprevidos estes são forçados a
confessar todas as suas culpas mais intimas e a
pedir perdão a Deus ou perdem a vida numa
brutal agressão do poderoso «automato».

Claude Ferrère na sua obra «Les Conda-
mnés à la Mort» pôz claramente o problema:
O homem constroe a maquina que o ha-de sub-
stituir e dominar. Depois... será um condenado
á morte porque a maquina, o seu maior rival,
não morrerá. O que se passa no mundo hoje é
já um pouco consequência do mau aproveita-
mento da ciencia mecanica, ou deficiência na
arte economica. As industrias criaram necessi-
dade de perfeição que só as maquinas podem re-
alizar. O trabalho manual é pois constantemente
substituído pelo mecanico.

Prepara-se uma nova occupação para o ex-
cesso de braços que dahí resultaram? Modificou-
se assim a situação economica de forma a ser a
vida mais facil?

Não—não tem sido nem é ainda simultaneo
esse movimento, e o resultado, é o panorama a
que o mundo neste momento assiste...

Em Portugal

Em Portugal desconhecem-se quasi em abso-
luto as maravilhas de mecanica moderna.

De automaticos, ficamos-nos nas caixas re-
gistadoras, nos numeradores de carimbos nos
«telephons» e... nem porisso ha mais trabalho,
nem o povo é mais feliz... onde está pois o
erro? Venham automatons que ao menos sempre
será a vida menos primitiva...

JOHN MAC-INTOSH

Este número do
«Reporter X» tem 16
pagina a duas côres,
custa 1\$00 e foi visado
pela Comissão
de Censura

Revelações sensacionais de

Abd-el-Krim

Um livro sensacional do celebre general rifenho

Marrocos é ainda um misterio por desvendado. Da civilização europeia, apenas se verifica um ou outro aspecto de progresso. Mas nas coisas, nas pessoas, no proprio ambiente, residem como que uma sombra oculta de indefinido, um «quid» vago, invocador de Islam. Que não! Que a França transmitindo-lhe o seu espirito civilizador conseguiu, nas regiões marroquinas onde exerce a sua influencia «protectora», imprimir-lhe uma vida e uma agitação reguladas pelo seu sentido progressivo. Assim é, em parte. Todos nós sabemos que Casablanca (le Paris Marroquin) é uma cidade falsamente europeizada. Apesar da sua população, que é de duzentos mil habitantes, ser constituída quasi na sua totalidade, por europeus, estes não podem libertar-se da influencia moura.

Uma opinião sobre a politica espanhola

Matieu, jornalista francês, que acompanhou Abd-el-Krim, á Ilha da Reunião, seu logar de cativo, revela num livro que então escreveu, os comentarios que ouvira a essa estranha figura de mouro que pela sua atitude perante as nações consideradas mais civilizadas, pelo seu papel durante a guerra do Rif e até pela sua inesperada rendição, deu logar a que sobre a ultima fase da sua actividade guerreira e diplomatica, se formulassem diversissimas opiniões contraditórias.

São das Memorias de Abd-el-Krim, estas desasombradas palavras sobre os espanhois:

«Eu e meu irmão Li na'Hamed, vivemos mais de dez annos em contacto com os espanhois. Durante esse periodo de tempo perscrutamos as suas intenções, e, chegamos ao fim de esse tempo de estudo: Que os espanhois, alem de fracos, não possuíam a mais leve noção da politica rifenha, e, tinham um absoluto desconhecimento da alma mussulmana. Apenas da parte d'elles havia um desejo grosseiramente manifestado—um instinto sanguinario para o qual não existem palavras sufficientemente

crues para o classificar. Talvez os «civilizados» duvidem de mim quando falo da crueldade dos espanhois! Nós, segundo as fantasiosas informações dos jornais europeus, é que somos considerados barbaros!

Pois bem! E Abd-el-Krim, tirando do bolso uma fotografia, mostra-a ao jornalista, acrescentando com tristeza: Veja esta prova. Veja como os «civilizados» procedem com os «barbaros». Olhe estas cabeças decepadas, estes olhos vasados. Repare bem na satisfação que transparece nos rostos destes soldados espanhois, depois de terem praticado estas monstruosidades! Estes actos miseraveis dignificam um paiz civilizado? Então é procedendo assim, que uma nação europeia pôde, á face do mundo, proclamar o direito de nos vir civilisar?

Uma descrição do desastre de Anual

Os actos de barbaria praticados pelos espanhois despertaram nos meus guerreiros instintos de vingança. E esses desejos de vingança eram de tal ordem que eu tive de os ameaçar de morte, afim de evitar que os feridos que caíam em nosso poder fôsse massacrados.

A fuga desordenada dos espanhois em direcção a Melilla, foi tão precipitada que nos deixaram abandonado no campo todo este material: mais de 200 canhões de 75, 65 e 77; 20.000 espingardas, um numero incalculavel de obuses e alguns milhões de cartuchos; automoveis, camions; e tão grande quantidade de viveres que não sabíamos o que lhe havíamos de fazer, alem de enorme quantidade de medicamentos, material de campanha, etc. Enfim a Espanha ferneceu-nos de um momento para o outro tudo o que nos faltava para equipar um grande exercito e organizar uma guerra de longa duração.

Nesta batalha os espanhois tiveram 15.000 baixas entre mortos e feridos, e nós aprisionamos-lhes 700 homens.

Entre os mortos foi encontrado o coronel Morales, o unico espanhol que nos compreendeu e a quem eu dedicava uma sincera estima. Fiz transportar o seu corpo para Melilla. Não o fiz, porem com o intuito malévolo de me aproximar dos espanhois. Não. O meu intuito era sentido. Quiz apenas prestar uma suprema homenagem ao inimigo inteligente e leal.

Quanto ao desaparecimento do General Silvestre que sucumbiu durante a batalha com todo o seu Estado Major, nada de positivo se pôde saber. Um



Abd-el-Krim

nas este pormenor que guardei nas memórias: Um garoto rifenho, aproximou mim, trazendo um cinturão e as estrelas general, e informou-me ter descoberto o dum oficial superior caído entre outros mortos. Findo o combate, percorri o campo da batalha, mas foi-me impossivel contrar o seu corpo e identificar os restos...

Certas influências estrangeiras

Abd-el-Krim, tinha uma clara politica internacional. São das suas estas judiciosas observações: Ah! Os Ingleses dominam Ajdir, a minha capital; autenticos viveiros de cavalheiros britânicos; Gibraltar, pelo Cabo Moro, em pequenos de rodas e até em vapores de grande capacidade, forneceram-nos os ingleses quantidades de munições. No momento, em que a minha rendição era inevitável, ram os ingleses que me ofereceram um campo que ficaria á minha disposição para a duzir a Lalliep ou a Mercet Eldar, para prepararem a minha fuga».

Tal qual os americanos! Eu procurei o consul dos Estados Unidos, em Tanger, forças sobrehumanas para conseguir um numero de aviadores que serviam no exercito cherifiano. E a Italia, por intermedio de agentes, fez-me saber que estava com vontade de almas e coração, e que me proporcionaria os meios tendentes a criar dificuldades entre as nações.

E Abd-el-Krim, termina os comentarios com este pormenor observador de grande fittico: «Desconfiai dos italianos, sobre Mussolini! Eu sei muitas coisas!... Quero a supremacia da Italia no Mediterraneo. Toda a sua politica é orientada neste sentido. E ele não recuará, diante de coisa alguma, para o conseguir.



Uma prova grafica do livro de Abd-el-Krim:—Legionarios Espanhois exibindo alegremente cabeças de mouros que eles deceparam. Comentario do Chefe rifenho: «Eis a civilização europeia».

Para Porto de Hora

Vinhos BARRA

lei dos que vivem fóra da lei

(Continuação da pág. 6)

depois, graças ao seu bilhete, bati-o seu cadáver—ou seja; reconheci patatico herói daquella tragedia de 18...

«Anjinhos» que acaba de liquidar a vida com a sociedade (saiu da cadeia 2 do actual mez) pediu-me, em termos quasi comoventes, e pelo menos, contes, para o atender. Eis o que ele contou:

«O «Catitinha», quando ainda era um amigo—falou-me muitas vezes de si; através de que ele me dizia que eu era a respeit'al e a estim'al'o. Por que pedi a fineza de me receber—apenas não ter duvidas a respeito de mimessoa... Quero declarar-lhe, antes de mais nada, que o «Catitinha» é que me ter estritado—e não eu, ao «Catitinha». Mas ele era um valente—e leal como s, —e por isso pim e eu cá estou, e de perfeita saude! Eramos irmãos! Mais facil seria fazer-me aos bocadinhos do que um de nós ciar o outro! A culpa toda foi da madame... Mas eu lhe explico... Um dia appareceu-me um companheiro nosso—um chamado *Rena-ú* ou *Rinô* ou *Renô*. Eu cá chamava-o pelo «A la coq», pelos modos, lá no calão deles, *zizer ôvo galo, e mar nanjo*—tudo era um «aguia»—lhe juro eul! Que minha o cavalheiro... Os jornaes falam do *Renô*... até lhes faltar o *cuspo!* Muitos trabalhinhos fizeram os tres! ao era como a gente! Sabia guardar roas que ganhava—como qualquer heroi da burguezial! O diabo foi a ma que vinha com ele. Chamava-se *otte* e macacos me mordam se, ao no Chiado, não a tomassem por baroneza! Que fatos! Que elegancia! Era uma baroneza—está tudo ditolobre do *A la coq* nem queria que a se se crestasse ao sol... Tinha-a e em bons hoteis e até para andar ela se vestia de lavado e se enfarpe- como um lord—não fosse a *tipa* despol! Sempre ha cada um! Ora bem... vistos—o «A la coq» fizera das *grau* á em Paris; e quando pensava que já ham esquecido—os ingratos—a poli- andou o retrato para cá—e ei-lo cado. Eu e o «Catitinha» conseguimos he na vespera de o levarem para a ira. «Por mim, não me ralo!—disse- infeliz—mas com os olhos a chove- com a voz a «trinar» como se fosse o faduncho. O que me apoquento é arlotte. Se a policia lhe deita a unha vê se em piores lençoes do que eu— é que eu não quero, custe o que... Para mais espero apanhar uma ta- pequena (eles não teem provas do...) e todos os segredos estão confia- Charlotte. A...»

mêdo que algum «papo-sêco» a venha desinquietar... Não é por ela—que ela gosta de mim... Mas vocês sabem o que é uma *mulher sem dôno!* Eu ia socegado para o *guignol* (1) se vocês me jurassem

(1) Para o degredo em Toulon no *patois* d'apaches.

que a guardavam—como se fosse eu proprio... Fazia dô—o pobre rapaz! Eu a custo continha o chôro—e não me lembro ter chorado senão quando apanhei um estalo dum policia... aos dez anos—por ter *bifado* um ananaz da Praça da Figueira... Juramos! Ele lá foi... A Madame instalou-se no antigo Hotel Galo—frente a Igreja de S. Nicolau, por cima da Pastelaria Inglesa. Tomei a serio o meu papel de *sogra*; mas o «Catitinha» era pior do que eu: mal apparecia um «méco» a rondar a franceza ele deixava-lhe os queixos uma verdadeira indecencia com tudo á mostrar! Mas é que a Charlotte, não sei porquê, palavra, (tenho espelhos em casa) começou a fazer cocegas cá no meu amor proximo... Ao principio fingi não perceber, depois—afastei-me. Foi pior a emenda. Tornou-se descaradal Perseguiu-me! Escreveu-me bilhetinhos! Um homem não é de gesso...

«O que mais me afligia era o «Catitinha». O «Catitinha» não era tolo—e embora eu disfarçasse a coisa—ele estava sempre alerta. Uma noite fomos escorrepichar uns copos à Rua Fernandes Tomaz. «Tem cuidado «Anjinhos»—avisou ele.— Olha que o «A la coq» «não é para graças» —«Pobre rapaz!— respondei—«Donde está não faz mal a uma moscal!»—«Deixa-lol! Cá estamos nós para o defender—ou pelo menos cá estou eul!» E disse isto dum môdo—que eu engasguei-me com o vinho! Mas o senhor sabe o que são mulheres—e então a «Charlotte», que é, com sua licença, o «Diabo» cara bonita! E que *bonitezal! Livral!* Não ha forças que resistam aqueles olhos! e uma vez—eu sei lá como aquilo foi! O «Catitinha» tinha ido a Setubal por causa dum «serviçoso-nho». Eu ou antes, *eia*—aproveitou a occasião! Quem foi que meteu tudo no bico do «Catitinha»? Vá lá a gente saber! Nem me dei ao trabalho de investigar! *Pisquei-me!* Logo passado dias soube que Charlotte apanhara dois traços na cara... Durante mezes andei a fugir do «Catitinha»... E olhe que eu não sou covarde—percebeu? Que venha o mais pintado meter tesuras comigo! Mas é que... cá por dentro eu estava em fogo! Eu bem sabia que tinha sido traste e que, no caso do «Catitinha» faria... o que ele ele queria fazer-me. Fui para o Porto... Soceguei... Passaram mais mezes! Eu já pensava que *ele* se esquecera de tudo! Quall Naquella noite eu esperava tudo, menos o «Catitinha»! E é que parecia ter esido do chôro...

Cochichou-me apenas ao ouvido! «Sabes o que fizeste? Sabes o que o «Rinô» nos disse antes de partir? Tenho pena, porque sou teu amigo—mas tem que ser! Faz de conta que eu... sou *ele!*» Não tive outro remedio senão defender-me! Senão o *picasse* a tempo—*picava-me* ele! Coitado! Mas foi uma luta leal, uma luta de homens!

«Anjinhos» calou-se; e depois de acamar as malenas rematou: E' que a gente, que vive fora da lei, tambem temos a nossa lei, os nossos juizes, as nossas sentenças. E pode vocecece crer no que vou dizer-lhe: a nossa lei é mais justa que a vossa; os nossos juizes são mais justos que os vossos!»

R. X.

A piedade das almas que sentem a dôr alheia

A inocencia do «cigano» está provada aos olhos dos que tratam de perto deste doloroso caso—mas o «inocente» continua a sofrer a clausura, embora o tenham já tirado de Monsanto e conduzido ao Limoeiro. A dedicação sublime da mulher—a «cigana-detective»; os esforços generosos do agente Migueis, que se votou a esta causa, com obsecado mas nobre entusiasmo; a colaboração de todos os que se revoltam contra a injustiça, contra o calvario desse desgraçado que vive-morto, em castigo dum crime que não praticou—não bastava para o salvar. Cada passo que dá, desloca um roziario de grilhetas, um collar de bolas de chumbo... E porquê? Porque o casal martyr queimou já o miserrimo peculio que possuia e não dispõe de caipal para lutar! Viagens, todas as despesas indispensaveis para esta obra, são feitas com esmolas, a custo, com atrazos perigosos, com difficuldades tremendas—porque não ha dinheiro. Não basta ser inocente e proval'o... E' preciso gastar dinheiro—para o provar, para que seja feita justiça, para poder regressar á liberdade, á luz, ao lar, á familia...

Senhores! Temos feito tudo quanto nos era possivel fazer para rehabilitar esse inocente... Mas é preciso mais... Perguntem á vossa consciencia qual é o vosso dever. E' um inocente, senhores, um inocente provado e a fatalidade que o feriu podia ferir qualquer de vós, qualquer dos vossos filhos, dos vossos irmãos, dos vossos amigos... Ajudem-nos nesta obra de verdade e de piedadel! Deem um pouco do vosso dinheiro para que o cigano—inocente seja rehabilitado!

Do «Reporter X»	50\$00
Dum leitor anonimo	5\$00
Total	55\$00



O mais intrigante misterio de 9 de Abril

(Conclusão da pag. 9)

interdição profissional. Ao que me disseram ele pretendia «remendar» (remendar é o termo) os feridos, os mutilados e até os indivíduos que tivessem determinados órgãos ameaçados—aplicando-lhes carne e órgãos *pastouché* de outros indivíduos—vivos ou mortos. A base deste principio, que era como que uma alucinação em Dr. Pinero, foi tratado por outros medicos... equilibrados e com magnificos resultados—sobretudo na guerra. Em 1926—a policia perseguiu uma especie de Jack Estripador que lançara o terror pelos suburbios de Londres—e em que algum pretendeu reconhecer o desaparecido Dr. Pinero. «The News World» do primeiro domingo de Novembro daquêl anno refere-se largamente a este assumto.

«Investiguei sobre a existencia de Mr. William Berrie—que vive actualmente em Portland Place. Nada de anormal. Mas algum que bebe do fino em Scotland Yard confidenciou-me que o major Seely nunca acreditou completamente nêsse cavalheiro. O espolio que foi da estalagem para o Hospital e do Hospital para as mãos do major encontra-se muita *correspondencia em portuguezs*. Essas cartas levadas a um interprete, revelaram que eram escritas com graves erros de ortografia e dirigidas a um soldado que batalhava em França. William Berrie ao ser reeducado não conseguiu nunca uma pronuncia inglesa, perfeita; e sua esposa contou a Seely que elle ás vezes cai em extasis profundos, soltando frases num idioma estrangeiro... São estas algumas das causas que teceiram no espirito de Sir Seely uma forte suspeita sobre o «mascara de cera»...

Eis os factos. Não quero—não posso ser mais claro. Talvez um dia... E' tão grave este assumto...

Reporter X

Homens & Factos do Dia

(Conclusão da pag. 3)

mesma sociedade, uma falta gravissima. Mas condenar um inocente—Santo Deus!—condenar um inocente deve ser a exemplificação de todo o Inferno de Dantel Mas desta vez—se os factos são como os contam, á hora a que eu escrevo não houve erro—houve crime, um crime monstruoso, o crime dos que levaram a justiça ao erro, o crime dos que sabendo a verdade a calaram...

E este crime é tanto mais tenebroso, quanto é certo que não é inedito! Todos os inocentes salvos por milagre e já depois de condenados, a meio da pena, duplamente horrivel, são victimas ou do silencio ou da conjura caluniosa das testemunhas do drama que os perdeu... Veja-se o caso do «cigano» que a este jornal está a caminho de libertar e que já arrancou da penitenciaria... E estes são os desgraçados cuja inocencia se provou a tempo—se se pôde chamar *a tempo* depois de tantos annos de martirio merecido. E aqueles que não tem a protecção divina nem humana, aqueles que morrem no degredo ou saem do cárcere como farrapos, aqueles que choram e juram a sua inocencia e sem que nenhum de nós acredite nas suas lagrimas ou nos seus juramentos—e que são tão culpados como o cigano ou como o padeiro de Milão? E os accusados do crime da Pôca das Felicitarias—de cuja culpabilidade tanta consciencia duvida? E quantos serão—quantos?

Que alluvia ameaça pesa sobre as existencias de todos nós de todos, sem excepção, só porque vivemos, só porque estamos em liberdade! Sim porque o que succedeu áqueles pôde succeder a nós; e provado está que a dor dos inocentes que se sentem perdidos não basta para provar a sua inocencia; que quando esta fatalidade atinge um desgraçado—é inutil debater-se, revoltar-se, reagir contra ella; que só um milagre o pôde salvar—e os milagres são tão raros...

Reporter X

Uma grande obra, generosa e patriótica, sequestrada pela infâmia

(Conclusão da pag. 11)

energia : da luz. Convidou-me o ilustre clinico a acompanhá-lo até lá... Umás horas através da mais feérica paisagem que os scenografos da Natureza «mise-en-scenaram» até hoje, galgando montes num constante *à la surprise* de encantamentos—e por fim a *Obra*, o *Tintan* maravilhoso, o Apocalipse domado, as águas embampadas, uma estação geradora montada irradiando a sua força, a sua luz por muitos quilometros em redor... E ao relancear a vista buscando o meu companheiro de excursão para o felicitar, num abraço sincero—porque via que cada migalha de realidade que estava ali representava um pão inteiro do seu esforço tenaz, de todas as suas economias, de todos os seus ganhos, de todas as suas illusões, ao cabo de uma milagrosa constancia de vinte annos—ao relancear a vista, dizia eu, vi o Dr. Antonio Ramalho, aquêl medico de aspecto rigido, figura de bronze sem cuidalos na moldagem, enrgico como um dinamo, com os olhos orvalhados de lagrimas... —Qu: satisfação vêr, materializados, vinte annos da nossa vida util e sacrificada.—Confidenciou-me elle. Mas não é nada. Se fôsse só para isto não teria começado. Mas isto é o principio, a base para todo o meu sonho, para a minha obra de assistencia, para o sanatorio que idealizei...

O Dr. Antonio Ramalho não é apenas um medico «impar», um clinico que, apaixonado pela sua missão, criou uma «zona branca» na mancha negra do «Zet-á pen» nacional. Na lucta gigantesca contra a tuberculose,—e é um exemplo—glorificase sobretudo pela coragem consciênte das suas iniciativas. Os mestres de que o paiz, mesmo aqueles que resistem com maior injustiça, ao reconhecimento do valor alheio (a classe medica—que nos perdoem as excepções—é das que se disciplinam moçonicamente, naquela camaradagem que é inconfessavel; mas que quando a lealdade devia ser um dogma, se anavalham mesquinamente entre si) os mestres dizia eu, podem calar-lhe o nome—mas acabam sempre por aprender com ele atravez mesmo das lições que combateram na hora em que sobrepunham a ciuemeira, a vaidade ou a teima á vida ou á saude dos doentes...

Eu tenho pelo Dr. Antonio Ramalho, há muitos annos, e mesmo antes de o conhecer, uma profunda e sincera admiracão—uma admiracão de que comparticipam a alma e o cerebro. O seu profissionalismo, nobre, atento, constante, exclusivista; a viveza da sua imaginação—porque até na ciencia a imaginação é virtude (posto que, sem ella, não é possível criar, sendo necessario resguarmos-nos ao que

já existe, ao imperfecto); a faculdade mais do que cerebral, porque é nata e por vezes sob-consciente mas sujeito sempre ao controle da inteligencia e de uma cultura sedente—a faculdade de *crear*, de *miracular*...—seriam motivos bastantes para entronisarem em vaidade outro qualquer. Ele não usa, como os sabios juliovernescos, o eterno chapêu de chuva, a sobrecaçaca por escovar, o lenço tabaqueiro, em cauda, tombado da algibeira. Longe ainda, e muito da velhice, em pleno vigor, despreza os *catitismos* solenes, os exhibicionismos, trajando, vivendo, agindo como um trabalhador em paz com Deus e com os homens, não se preocupando senão com os seus doentes—pela emoção dos «casos» que se lhe deparam e o obrigam a avançar, e pela humana e generosa satisfação de rebater em saude, em vida, um socego, pelo menos—a doença, a morte a dor...

Mas essa admiracão pelo Dr. Antonio Ramalho dilatou-se dentro de mim, nesse dia de excursão as quedas de Cabrum—quando ele me revelou o seu sonho: «—Eu conheci, ha vinte annos, estes sitios como medico e após longos estudos, compreendi que era o local unico para a maior obra de assistencia que se pôdia visionar. Um sanatorio colocado nestas paragens, ficaria sendo o paraizo dos doentes, o melhor colocado da Europa e talvez do mundo! Pense o que esta descoberta despertaria em mim. Havia o que todos julgavam faltou: o milagre da Natureza, a Natureza dozeando uma alquimia excepcional o que todos os medicos desejariam dispor mas que não encontravam sobre a terra. Existe tudo—e tudo faltava. Era preciso começar pelo principio: luz e energia. Era o mais difficil—o mais trabalhoso. Vinte annos meu amigo, vinte annos aqui enterrados. E só agora vejo brotar do solo as primeiras realidades—depois de se meiar aqui a minha juventude, as minhas ambições, os meus suores, as minhas victorias, tudo quando numa labuta mental e fisica, consegui apurar durante vinte annos! Não se admire que os meus olhos se humedecem—por que, feito isto—o resto é facil, rapido, insignificante!»

Foi á China já—em 1927. Estamos 1932. E ao recordar a reportagem que fiz dêsse *raid*—perguntei a mim proprio como estaria a obra do Dr. Antonio Ramalho. Interessou-me o misterio—misterio pelo silencio e investiguei. Antes não o procurasse saber! Como é possível que a alma humana seja assim feita! Como é possível que...

Mas esperem um pouco. Eu lhes contarei e informarei em que sequestraram o belo e generoso sonho do Dr. Ramalho.

Fixador NALLY



*Doma os cabelos d'uma ma-
neira absoluta*